

ESTUDO DA ESTRUTURA FAMILIAR: UM MODELO DE ENTREVISTA CLÍNICO-FAMILIAR

Antonio Térzis*

RESUMO

Este modelo de entrevista familiar é uma tentativa de se distanciar do modelo tradicional da história clínica focalizada no paciente individual, para entrevista com todos os membros do grupo familiar. A meta é sistematizar um conjunto de dados pertinentes à estrutura do grupo familiar. Para esse propósito certos dados devem ser obtidos, se possível, numa entrevista com o grupo terapêutico.

Finalmente, foi apresentada uma configuração dinâmica do grupo familiar.

I – INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um modelo de entrevista clínica e uma técnica de representação gráfica da família (organograma). Esse organograma familiar permite visualizar os vínculos das pessoas que integram o grupo no qual se incorporam os dados mediante símbolos. A técnica do organograma é útil para visualizar a configuração dinâmica do grupo familiar, facilitando desta forma diagnóstico e prognóstico.

A família pode ser considerada como uma entidade social com sua longa história e estrutura; como um sistema cibernético, com suas estruturas lingüísticas; como um organismo vivo ao serviço de manter a vida e preservá-la em cada um dos seus membros; e como um conjunto de valores derivados, em grande parte, instituições das quais afirma ser membro, tais como a igreja, sindicatos, associações civis e filiações sociais.

(*) Professor do Departamento de Pós-Graduação em Psicologia Clínica – PUCCAMP.

Das diversas aproximações teóricas (psicanálise, antropologia estrutural, teoria da comunicação, sociologia, etc.), sem dúvida, a grosso modo, duas correntes parecem haver favorecido a compreensão das relações familiares: a primeira, através da evolução do pensamento psicanalítico, e a segunda, através da antropologia estrutural. A teoria psicanalítica tal como foi desenvolvida por S. Freud, é uma teoria do significado inconsciente; e a antropologia estrutural, segundo Lévi-Strauss (1976), uma das principais noções é a estrutura inconsciente dos fenômenos culturais.

Assim, o modelo psicanalítico-estrutural das relações familiares segundo Korin (1980) reúne as seguintes condições: 1) As relações familiares têm um caráter simbólico cujo significado está na estrutura inconsciente; 2) A estrutura inconsciente das relações familiares é um conjunto ligado de relações entre termo a saber: a) relação entre marido e mulher; b) relação da mulher com sua família de origem (família materna); c) a relação do filho com seus progenitores, etc. Segundo Lévi-Strauss (1976), toda relação matrimonial está fundada sobre um sistema de intercâmbio recíproco e que o "elemento do parentesco" está constituído pela união de duas famílias, através da relação existente entre o par conjugal. A aliança entre essas duas pessoas (marido e esposa) transmite a bagagem genética e cultural de seus grupos familiares de origem. Do ponto de vista psicanalítico a união de um par matrimonial é analisado pelas vicissitudes do complexo de Édipo. Alguém se encontra e através dessa relação procura, inconscientemente, completar de alguma maneira a solução sempre inacabada dada às primeiras relações de objeto. Assim, o começo dessa relação conjugal não é casual, nem a família parte do zero, mesmo que os seus integrantes pensem dessa maneira. Freud (1967) dizia que os modelos de escolha objetual exogâmica são: a) conforme ao tipo de oposição (sobre o modelo da mãe nutriz ou do pai protetor); b) conforme ao modelo narcisista (elegendo o que o sujeito é, o que foi, o que queria ser, ou alguém que foi uma parte do mesmo).

Contudo, o conhecimento que a psicanálise tem-nos dado das relações de objeto intrapsíquicas ou a família interna nos permite afirmar que, ainda quando ambos os grupos familiares de origem não estão em contato pessoalmente na consulta, serão recriados de uma maneira fantasmática na relação, através

da transferência entre os dois cônjuges e também com seus filhos. Por exemplo, o marido pode deslocar para sua esposa sentimentos, idéias, etc., derivados da sua família de origem; ele está se comportando como se a esposa fosse sua mãe, irmã, pai, etc.

Nesse sentido, vários autores que se ocuparam em estudar os conflitos e as manifestações intrapsíquicas da pessoa, agora se interessam em estudar a dinâmica do grupo familiar. Querem compreender a relação existente entre motivações inconscientes dos pais e as dificuldades de ordem emocional da criança.

Por isso, entende-se que os estudos sobre a dinâmica do grupo familiar são importantes no campo terapêutico. Especialmente, estudos retrospectivos que possam ilustrar como era o meio familiar de um paciente e as manifestações psicopatológicas de seus integrantes.

A seguir apresentamos: a) o modelo de uma entrevista clínica; e b) o organograma familiar. Esse tipo de trabalho tem por finalidade incentivar o leitor a encontrar um modelo de entrevista familiar que lhe permita sistematizar um conjunto de dados, facilitando desta forma a valorização diagnóstica e prognóstica. Obviamente, cada investigador processará estes dados segundo seu esquema referencial teórico-clínico.

Essas técnicas foram elaboradas por A. Canavero (1978,) à luz da antropologia estrutural e da psicanálise, às quais acrescentamos novos elementos. Alfredo Canavero apresenta uma configuração dinâmica do grupo familiar e diferencia empiricamente dois tipos de grupos: a família "coesiva ou centrípeta"; e a família "dispersiva ou centrífuga". A combinação destes dois grupos familiares de origem, através do vínculo de aliança, cria um novo campo psicológico, que é o que esta entrevista pretende estudar.

II – ENTREVISTA DO GRUPO FAMILIAR

A entrevista familiar, além de obtenção de informações objetivas sobre eventos ocorridos na vida do paciente e no ambiente familiar, permite a avaliação do ambiente emocional em casa, a partir das emoções expressas pelos familiares. A entrevista deve ser considerada de grande importância como ins-

trumento de pesquisa na área da interação familiar. Manoni (1973) lembra que o que nós obtemos de uma entrevista é na verdade um quadro do mundo assim como é visto pelos entrevistados. Cabe ao entrevistador avaliar e tentar objetivar a informação apresentada subjetivamente, levando em conta: a) o estado emocional dos entrevistados; b) as opiniões daqueles, ou seja, formulações cognitivas sobre determinado assunto; c) suas atitudes, isto é, suas reações emocionais com relação à matéria em discussão. Bergeret (1983) enfatiza a importância, para o entrevistador, de bem observar o modo de expressão verbal no grupo familiar, o nível de evolução afetiva, o grau de adaptação à realidade, a necessidade de idealizar, de dominar (alguns falam sem cessar para fugir do diálogo), as possibilidades de identificação, as inibições (intelectuais ou afetivas), o tipo de angústia ou a agressividade, as faculdades defensivas ou adaptativas numa situação nova, o modo de funcionamento mental (fantasias, sonhos, projeções, etc.).

O perfil psicológico resultante da entrevista clínica familiar nos permitirá ter uma idéia sobre a estrutura do grupo familiar; como funciona frente a circunstâncias críticas de origem interna ou externa em seu curso vital; compreender a emergência dessas crises, assim como prever alterações em outros membros da família aparentemente de boa saúde; e detectar os pontos de urgência ou prevêê-los.

A seguir apresentamos o modelo de uma entrevista clínica familiar com um certo número de pontos que devemos conhecer:

1. FICHA FAMILIAR

Ficha nº

Entrevistador:

Nome do informante:

Nome do paciente:

Identidade:

Idade:

Sexo:

Nacionalidade:

Residência permanente do paciente:

Telefone:

Motivo de consulta:

Problema central observado através do Organograma Familiar:

Sugestões:

2. ESQUEMA DE ENTREVISTA FAMILIAR

Data	Entrevista (pai, mãe, cônjuge, filhos, etc.)	Nº de entrevista	Gravação	Nº fita de gravação	Observações
				1. Sim 2. Não	
				1. Sim 2. Não	
				1. Sim 2. Não	
				1. Sim 2. Não	
				1. Sim 2. Não	

3. FAMÍLIA AMPLIADA

Integrantes

a) FAMÍLIA MATRILINEAR

Nomes completos	Parentesco	Idade	S	Nascim.	Ordem nasc.	Estado civil	Educação	Ocupação

Identidade grupal da família matrilinear (Status Sócio-econômico, mobilidade social, integrantes em grupos sociais):

b) FAMÍLIA PATRILINEAR

Nomes completos	Parentesco	Idade	S	Nascim.	Ordem nasc.	Estado civil	Educação	Ocupação

Identidade grupal da família patrilinear (Status sócio-econômico, mobilidade social, integrantes em grupos sociais):

4. FAMÍLIA NUCLEAR (Pai-mãe-filhos)

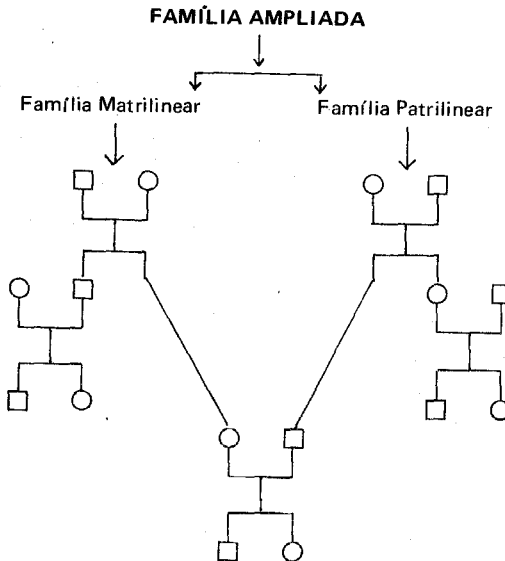
Integrantes

Nomes completos	Parentesco	Idade	S	Nascim.	Ordem nasc.	Estado civil	Educação	Ocupação
Parentes e não parentes que convivem no mesmo lar:								
Animais (nomes, a quem pertencem, que significam):								

Identidade grupal da família nuclear (Status sócio-econômico, mobilidade social, integrantes em grupos sociais):

5. HISTÓRIA FAMILIAR (Familiograma nº 1)

- a) Família ampliada (Matrilinear e Patrilinear):
- Os avós ou bisavós onde nasceram (países de origem)
 - Migrações
 - Mortes (quando e por que)
 - Características pessoais
 - Personalidades significativas (pelo menos avós).
- b) Família nuclear (Pai-mãe-filhos):
- Conhecimento do casal
 - Casamento
 - Nascimento dos filhos por ordem
 - Tamanho da prole
 - Mortes possíveis.



FAMILIOGRAMA 1 – Família ampliada (matrilinear e patrilinear) e família nuclear (pai-mãe-filhos).

6. SITUAÇÃO ATUAL (Família nuclear e aqueles que convivem no mesmo lar)

- a) Distribuição espacial:
 - O perfil da habitação atual, lugares onde dormem, comem, etc.
 - Desenho da sala de jantar, lugares que ocupam

- b) Utilização do tempo:
 - Trabalho
 - Livre
 - Fim de semana
 - Férias (juntos e em par separado)

- c) Caracterologia individual de cada um dos integrantes (Família nuclear):
 - Dados psicopatológicos
 - Doenças
 - Reação frente a situações stressantes, tensão ou crises
 - Hobbies

- d) Relações parentais (conjugais):
 - A relação do pai com os filhos
 - A relação da mãe com os filhos
 - A relação entre os pais (marido-esposa)
 - As relações com as famílias de origem e as pessoas fora da família.

- e) Situação financeira:
 - Produção econômica e circulação do dinheiro na estrutura familiar
 - Quem toma conta do dinheiro e das questões financeiras em casa. Por exemplo: pagar contas, o aluguel, ou organizar o orçamento

- f) Outros:
 - Medo fora do comum
 - Expectativas e anseios de cada um, consigo mesmo, com os demais ou sobre a família

— A quem se consideram parecidos fisicamente e em caráter? Eventualmente se podem pedir fotografias representativas do grupo familiar

7. SITUAÇÃO FAMILIAR DURANTE A ENTREVISTA (Uma representação da equipe do entrevistador que inclui):

— Distribuição espacial no momento da entrevista (diagrama)

— Descrição da entrevista dinamicamente (interação, quem fala e como fala; formação de subsistemas (mãe-filho ou pai-filho)

— Sentimentos contratransferenciais

— Impressão diagnóstica e prognóstica

















— Outras informações do assistente social, etc.

III – CONFIGURAÇÃO DINÂMICA DA ESTRUTURA FAMILIAR




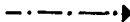
A dinâmica da estrutura familiar pode ser desenhada com finais práticos, como um modelo que nos permita pensar, dialogar e traçar estratégias terapêuticas. Inicialmente, como uma tentativa o organograma familiar pode incluir: a) fenômenos observáveis empiricamente derivados das entrevistas psicológicas com os membros do grupo familiar; b) aspectos dinâmicos que podem ser provocados indiretamente mediante certas manipulações ou incluindo o tempo como variável esclarecedora; finalmente, c) construções do observador ou terapeuta, que são abstrações mais ou menos generalizadas que supõem aproximações teóricas de distintos esquemas referenciais destinados sempre à conceitualização esclarecedora.

A configuração dinâmica do grupo familiar procura mostrar, de um modo geral, espaços reais e visuais onde se integram elementos da realidade externa e interna de um grupo de pessoas que ainda estão unidas por uma relação de parentesco e uma histórica compartilhada.

A seguir nesse estudo apresentam-se códigos gráficos, que representam esquematicamente certas variáveis que condicionam a situação: Código Gráfico nºs: 2, 3, 4, 5, 6.

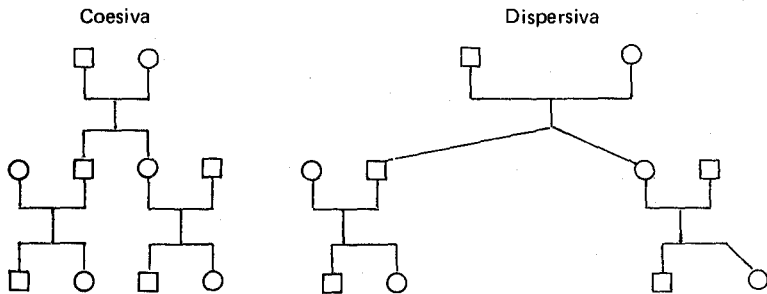
	HOMEM	
	MULHER	
	SEPARAÇÃO	
	ABORTO ESPONTÂNEO	
	ABORTO NÃO ESPONTÂNEO	
		MORTES
		FILHO MATRIMÔNIO
		FILHO EXTRA-MATRIMÔNIO RECONHECIDO
		FILHO EXTRA-MATRIMÔNIO NÃO RECONHECIDO
		PACIENTE DESIGNADO
		RELAÇÕES EXTRA-MATRIMÔNIO
A	FILHO ADOTIVO	
¿ ?	SEM INFORMAÇÃO	

TENSÃO, DIREÇÃO E COMPROMISSO EMOCIONAL

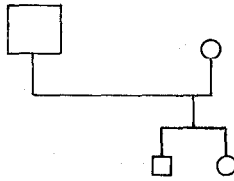
- | | | |
|----|---|-----------------------------|
| 1) |  | UNIDIREÇÃO |
| 2) |  | BIDEREÇÃO |
| 3) |  | AMBIVALÊNCIA |
| 4) |  | POUCO COMPROMISSO EMOCIONAL |
| 5) |  | FALTA COMPROMISSO EMOCIONAL |
| 6) |  | CONFLITOS MANIFESTOS |

CÓDIGO GRÁFICO 3 – Setas que indicam a tensão ou desnível no potencial relacional, que dão como resultado a forma de agrupação centrípeta ou centrífuga.

AGRUPAÇÃO



CÓDIGO GRÁFICO 4 – de acordo com sua maneira de agrupar-se pode ter dois tipos de família coesiva e dispersiva.

PROXIMIDADE

CÓDIGO GRÁFICO 5 – Significado da relação que indica maior ou menor grau de simbiose – autismo ou compromisso emocional.

DIMENSÃO OBJETAL

CÓDIGO GRÁFICO 6 – Caracteriza o objeto idealizado ou desvalorizado, com maior ou menor relevância, de acordo com suas características, autoridade, poder, etc.

IV – EXEMPLO PARCIAL

Paciente 20 anos, solteiro, vive com seus pais. Motivo da consulta: a mãe preocupada pelo uso de drogas do seu filho.

1. ESTRUTURA FAMILIAR (Código Gráfico nº 7)

a) Família ampliada:

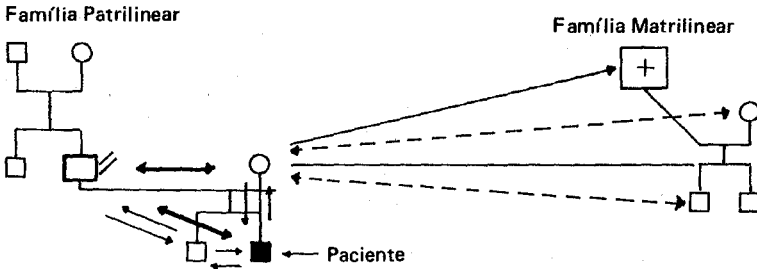
FAMÍLIA MATRILINEAR: dispersiva – centrífuga. Pai (morto) muito idealizado, mãe desprezada. Vínculos emocionais pouco estreitos.

FAMÍLIA PATRILINEAR: Coesiva – centrífuga, de tipo patriarcal. Fortes vínculos simbióticos.

b) Família nuclear:

MÃE desvalorizada, relação muito próxima a seus filhos, especialmente o paciente designado e uma ambivalência entre marido e esposa.

PAI idealizado mas distante, relações extra-matrimoniais.



CÓDIGO GRÁFICO 7 – caso clínico.

2. ESTRATÉGIA TERAPÊUTICA (Código Gráfico nº 8)

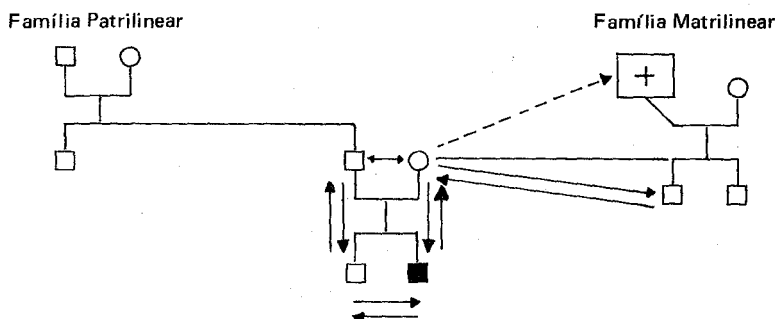
- Inicialmente o processo terapêutico gira em torno da relação simbiótica mãe-filho, para que o paciente possa ter a sua individualização (independência).
- Maior aproximação pai-filho, em função do passo anterior, procurando que o filho crie uma boa imagem para os seus pais.
- Revisão da relação conjugal (marido-esposa), intensamente ambivalente.
- Trabalhar sobre o vínculo da mãe com seus irmãos, com o fim de clarificar possíveis deslocamentos

sobre os seus filhos, de necessidades emocionais vinculadas com sua família de origem.

Para finalizar, foi apresentado um modelo de uma entrevista clínico-familiar e uma proposta de um modelo mostrando graficamente a configuração dinâmica da estrutura familiar, que tende a indicar espaços reais e virtuais nos elementos da realidade interna e externa de um grupo de pessoas vivendo sobre o mesmo teto.

Usando esses modelos, podemos pensar, discutir e traçar estratégias terapêuticas.

POSSÍVEL RECOMPOSIÇÃO ESTRUTURAL



CÓDIGO GRÁFICO 8 – possível recombinação estrutural.

SUMMARY

This model of a family clinical life is an attempt to get away from the traditional model of a clinical history focusing on the individual patient, by taking into account all members of the family system.

The goal is to systematize a set of data pertaining to a longitudinal slice of this system in a diachronic vision, at the

same time systematizing information about the transversal slice, or cross-section, in a synchronic vision.

For this purpose certain data must be gathered, if possible, in an interview with a therapeutic team.

Finally a tentative design is presented showing graphically the dynamic configuration of the family structure.

BIBLIOGRAFIA

- BERENSTEIN, I. — Familia y enfermedad mental. Buenos Aires, Paidós, 1976.
- BERGERET, J. — Psicologia patológica. São Paulo, Masson Editora, 1983, p. 141.
- CANEVARO, A. A — Um modelo de ficha clínica-familiar. *Terapia familiar*, 02: 11-28, 1978.
- FREUD, S. — Introducción al narcisismo. O. C. tomo I, Madrid, Bibliot. Nueva, 1967.
- KORIN, — Psicologia y psicoterapia de grupo. *Terapia Familiar*, 4: 143 — 186, 1980.
- LÉVI-STRAUSS, C ÷ Antropologia estrutural. Buenos Aires, Paidós, 1976.
- MANONI: M. — La primeira entrevista con el psicanalista. Buenos Aires, Granica, 1973, p. 123.
- TERZIS, A. — Psicologia do grupo familiar e sua relação no processo esquizofrênico. *Estudos de psicologia*, 2: 73-85, 1985.